
**ANTES DO ESCRITO, O PAPEL: A MATERIALIDADE EPISTOLAR
CASCUDIANA COMO UMA ESCRITA DE SI**

Francisco Firmino Sales Neto
nassausiegen@yahoo.com.br
PPGHIS/UFRJ*

Esta comunicação se propõe a problematizar um gênero historiográfico bastante consolidado no segmento editorial brasileiro: a biografia. Enquanto gênero múltiplo, a biografia lida com as diversas formas que os indivíduos dispõem para produzirem suas subjetividades e constroem memórias de si: correspondências, diários íntimos, memoriais, (auto)biografias, cadernos de anotações, álbuns fotográficos, entre outras. Em comum, estas variantes biográficas possuem o esforço pessoal de seus autores em elaborar uma imagem de si para ofertarem a outros – estejam estes outros próximos ou distantes no espaço e no tempo. A esse esforço pessoal de produção subjetiva, os historiadores têm dado o nome de *escrita de si*.

Teóricos como o filósofo francês Michel Foucault muito discutiram acerca deste conceito e estabeleceram alguns referenciais para o seu uso no campo da historiografia. Segundo ele, a *escrita de si* representa o “estabelecimento de uma relação de si consigo mesmo tão adequada e perfeita quanto possível”.¹ Nos termos de Foucault, por meio da escrita, o indivíduo é capaz de estabelecer um diálogo consigo mesmo e, assim, definir uma imagem a partir da qual espera ser reconhecido pela e na sociedade. Em outras palavras, refletir sobre si e escrever a própria vida significa passar a vida a limpo, de modo a compormos uma configuração de identidade esperada e possível. Portanto, no sentido foucaultiano do termo, a *escrita de si* seria uma prática individual de cuidado de si, logo, pode ser entendida como uma categoria hermenêutica. Isto significa dizer que, na qualidade de fontes históricas, os documentos reunidos sob o conceito de *escritas de si* nos permitem interpretar e atribuir significados à dedicação dos sujeitos modernos em produzirem suas identidades individuais e coletivas.²

Dentre estas fontes históricas ligadas ao gênero biográfico, destaca-se a correspondência, uma vez que, por excelência, ela representa uma prática cotidiana de construção subjetiva bastante habitual. Distantes geograficamente ou remetidas ao futuro, meditadas ou apressadas, curtas ou extensas, as correspondências são resultado tanto dos

gestos de escrita de sujeitos comuns quanto de homens ilustres, ampliando seu potencial historiográfico.

Com efeito, o historiador da escrita epistolar costuma ter um cuidado especial com a linguagem, identificando no texto como os sujeitos se apresentam e analisando as estratégias utilizadas por eles para exporem ideias e construírem imagens. Porém, essa dimensão textual do documento é mais uma das possibilidades para o historiador ter acesso ao passado e à vida privada de suas personagens de estudo. De acordo com a historiadora Angela de Castro Gomes, os pesquisadores que estudam a chamada *escrita de si* em correspondências tendem a concentrar suas análises nos aspectos textuais do documento, e pouco, ou quase nada, se referem ao suporte material deste tipo de fonte histórica, isto é, o papel sobre o qual elas foram escritas.³ Sobretudo quando estas cartas nos chegam sob a pena de renomados intelectuais e eruditos, podemos identificar em sua materialidade os mesmos processos de construção subjetiva presentes nos textos escritos. Isso significa também considerarmos os timbres, as marcas gráficas e a composição do documento como elementos de interlocução entre o(s) remetente(s) e o(s) destinatário(s).

Sendo assim, este trabalho tenciona problematizar tal fonte histórica sob o viés da materialidade, analisando-a como elemento de construção biográfica e, portanto, como uma escrita da história. Para tanto, utilizaremos as correspondências ativas do escritor polígrafo norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Câmara Cascudo – como é mais conhecido – produziu diversos livros, opúsculos e artigos em jornais e revistas nos mais variados campos do saber: história, etnografia, folclore, romance, memorialística, etc. Sem dúvida alguma, foi na condição de folclorista que ele alcançou sua projeção nacional e internacional. Notadamente o livro *Dicionário do Folclore Brasileiro*, publicado em 1954, consolidou o lugar do autor no pensamento social brasileiro, porque associou seu nome a uma ampla pesquisa de sistematização do saber popular no Brasil: um dicionário de assuntos folclóricos.⁴

No entanto, a projeção de Cascudo e a produção de sua vasta obra estiveram alicerçadas por uma metodologia de trabalho bastante peculiar: a escrita epistolar. Assumindo a condição de “provinciano incurável” e definindo a cidade do Natal e o estado do Rio Grande do Norte como locais de residência fixa, Cascudo se definiu como um erudito que não abandonava sua terra e que para ela estudava, pesquisava e escrevia.⁵ Além de significar uma opção de vida, tal escolha representava uma postura epistemológica, na medida em que as temáticas de pesquisas, os arquivos, as bibliotecas e os informantes orais estavam

circunscritos pelos limites e as possibilidades locais. Até meados do século XX, assumir-se provinciano era também reconhecer a necessidade de fazer parte de uma ampla rede intelectual espalhada pelo país que suprisse a ausência de centros de leitura e de instituições de pesquisa. Então, por meio da troca de correspondências, ele consultava estudiosos, solicitava informações, realizava pesquisas e tinha acesso ao material bibliográfico ou documental indisponível na cidade do Natal. Em suas próprias palavras, “quem trabalha na província e é professor jagunço, vive nessas limitações peditórias”⁶

A escrita epistolar cascudiana, pois, constituía-se em um método de trabalho por meio do qual os limites regionais seriam superados. Era através da correspondência que Câmara Cascudo realizava suas pesquisas históricas e folclóricas, enviando pedidos de informações para todos os cantos do Brasil e do mundo. É tão significativa a função da correspondência no desenvolvimento de sua obra que, segundo informações da família Cascudo, seu arquivo de cartas passivas é composto por aproximadamente 15.000 documentos. Além disso, é notório a um pesquisador do tema que as cartas ativas cascudianas estão presentes em diversos arquivos espalhados mundo a fora.

Por esta centralidade, em 1943, Cascudo escreveu um sugestivo artigo de jornal sobre o tema, intitulado *Responder cartas*. Segundo ele, havia um hábito comodista de não responder cartas, quando se deveria ter a resposta como um dever: “Há, naturalmente, cartas que só merecem silêncio. Outras exigem o cumprimento imediato. São consultas, por exemplo, que esclarecerão dúvidas. São informações para quem está estudando um assunto”.⁷ Sua insatisfação estava direcionada a um político brasileiro, não identificado, que não havia respondido a uma carta sua com pedido de informações. A despeito da ausência de resposta para esta consulta, o fato é que a escrita epistolar foi a base de realização da obra de Câmara Cascudo, podendo ser considerada uma fonte privilegiada para analisar a vida e a obra deste escritor potiguar.

Diante do exposto, examinarei as correspondências ativas cascudianas, chamando a atenção apenas para a sua dimensão material. Em especial, analisarei os timbres de algumas destas cartas, mostrando como a escolha dos timbres impressos sobre o papel já configura um primeiro investimento no processo de construção subjetiva do remetente – neste caso, de Cascudo. Ao longo desta pesquisa, iniciada ainda na graduação em História no ano de 2004, localizei pouco mais de 12 timbres distintos na correspondência enviada por Câmara Cascudo, destacando-se os mais comuns: o da abreviatura de seu nome, LCC; o do professor; seu *ex-*

lúbris; o do historiador da cidade do Natal; e o da Sociedade Brasileira de Folclore – além do timbre pouco frequente, mas significativo, referente à Ação Integralista Brasileira.

Com isso, um questionamento se apresenta: quais os critérios utilizados pelo autor para definir em qual papel timbrado escreveria? A escolha destes símbolos gráficos variava de acordo com a época em que o documento foi produzido, com o seu lugar de produção e com o seu destinatário, demonstrando claramente uma historicidade própria. Mesmo assim, todos remetem aos lugares de saber e poder assumidos pelo autor ao longo de sua vida: professor, historiador, folclorista, integralista, etc. Desta forma, os timbres postais nos permitem compreender os lugares ocupados por Cascudo dentro de sua rede intelectual, bem como perceber quais imagens de si utilizava ao dialogar com seus pares no momento em que solicitava informações para compor seus novos estudos.

O primeiro dos timbres analisados é o da Ação Integralista Brasileira (AIB), grupo político do qual Câmara Cascudo foi dirigente e militante no Rio Grande do Norte nos anos de 1930. O símbolo da AIB foi localizado em uma carta de Cascudo a outro integralista, o paulista Ribeiro Couto, datada de 10 de abril de 1934. Esta correspondência está arquivada na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro – por questão de direitos de imagens, não é possível a reprodução do documento neste texto. Ainda assim, podemos refletir acerca do significado deste símbolo gráfico na correspondência cascudiana durante a década de 1930. A carta em questão estabelece um diálogo entre dois integralistas, de modo que o timbre já apresenta o lugar ocupado pelo remetente e ao mesmo tempo oficializa o documento.⁸

A existência de um documento aproximando o autor ao movimento integralista nos leva a pensar também na construção de uma imagem política que hoje tem sido silenciada por seus biógrafos.⁹ Na atualidade, participar de um movimento político associado aos ideais nazifascistas possui um significado negativo e, por isso, a maior parte dos integralistas destruiu documentos e silenciou suas atuações junto ao pensamento integral – entre eles o próprio Cascudo. Por seu turno, analisar a materialidade desta correspondência em sua historicidade, isto é, sob a ótica da década de 1930, é considerar a construção subjetiva cascudiana em torno dos princípios políticos da AIB. Portanto, sem adentrar na análise política acerca da Ação Integralista Brasileira e sem fazer referência ao teor do documento, ressalto a percepção da face integralista do autor através da materialidade epistolar: um diálogo entre dois integralistas.

O segundo timbre analisado é o da Sociedade Brasileira de Folclore (SBF), associação cultural para o estudo do folclore fundada por Câmara Cascudo, em Natal, no início da década

de 1940. O símbolo da SBF foi localizado em correspondência para diversos intelectuais e políticos, a maioria deles membros ou colaboradores da entidade. Particularmente, utilizo a correspondência enviada por Cascudo a Renato Almeida, secretário geral da Comissão Nacional de Folclore, datada de fevereiro de 1948, que está arquivada na Biblioteca Amadeu Amaral do Museu de Folclore, na cidade do Rio de Janeiro.¹⁰



Imagem 1 Timbre da Sociedade Brasileira de Folclore – 1948.

Na qualidade de folclorista respeitado e presidente da Sociedade Brasileira de Folclore, Cascudo dialoga com outro importante folclorista e representante do movimento nacional de folclore estabelecido no Rio de Janeiro, então capital federal. A exemplo do documento anterior, este símbolo gráfico oficializa a correspondência e pauta o diálogo entre dois representantes de associações folclóricas nacionais. Não obstante, a imagem acima apresenta as credenciais do remetente e reforça um lugar para o autor no cenário folclórico nacional, uma vez que a Comissão Nacional de Folclore buscou diminuir a importância da Sociedade Brasileira de Folclore e limitar o peso do seu presidente no meio intelectual brasileiro na década de 1940. Em termos subjetivos, verifica-se também a assunção da imagem de folclorista que prestigiava o autor e o reafirmava junto à nova entidade voltada para os estudos folclóricos no país. Desta forma, novamente sem aprofundar a explicação em torno da entidade e sem fazer menção ao conteúdo epistolar, não é por acaso o uso deste timbre na correspondência em questão, porque ele reforça o lugar de saber ocupado e descrito pelo remetente: o de folclorista.

O terceiro timbre examinado é o de historiador da cidade do Natal. Este símbolo gráfico também aparece em inúmeras correspondências cascudianas, mas destaco as cartas remetidas ao prefeito e, mais tarde, governador Sylvio Piza Pedroza.¹¹ Em especial, uma correspondência datada de 10 de setembro de 1954, arquivada pelo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto, em Natal.¹²

Apesar de ser reconhecido internacionalmente como folclorista, em Natal, Câmara Cascudo é mais definido como historiador, devido a sua atuação como cronista dos fatos e personagens citadinos. Em razão da quantidade de trabalhos de cunho historiográfico e do destaque alcançado por seus títulos, notadamente o livro *História da Cidade do Natal*, Cascudo foi nomeado pelo prefeito Sylvio Piza Pedroza como historiador da cidade do Natal, em evento realizado junto às festividades do aniversário da cidade, em 25 de dezembro de 1948.¹³ Desde então, ele passou a ser o historiador oficial da cidade e, como tal, recebia encomendas do governo e solicitações da população local para estudar e escrever sobre determinados aspectos do passado natalense.



Imagem 2 Timbre do Historiador da cidade do Natal –
1954.

Ao remeter sua correspondência ao político Sylvio Pedroza, Câmara Cascudo se construiu com a imagem de historiador da cidade do Natal, fazendo alusão ao título conferido por Pedroza. Nesse sentido, foi estabelecido um diálogo entre o representante político local e o seu assessor para assuntos históricos.

Para não me estender muito, afinal este texto é apenas uma comunicação oral, apresento como conclusão o último timbre analisado por esta pesquisa: o *ex-libris* cascudiano – também em correspondência remetida a Sylvio Pedroza, desta vez datada de 09 de

novembro de 1958, arquivada pelo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto, em Natal.¹⁴ Neste derradeiro símbolo gráfico Cascudo apresenta a imagem que o define como estudioso, localizando-se acima das particularidades de cada lugar de saber e poder. Não se trata mais do integralista, do folclorista ou do historiador, mas do estudioso do pensamento social brasileiro: o erudito provinciano.

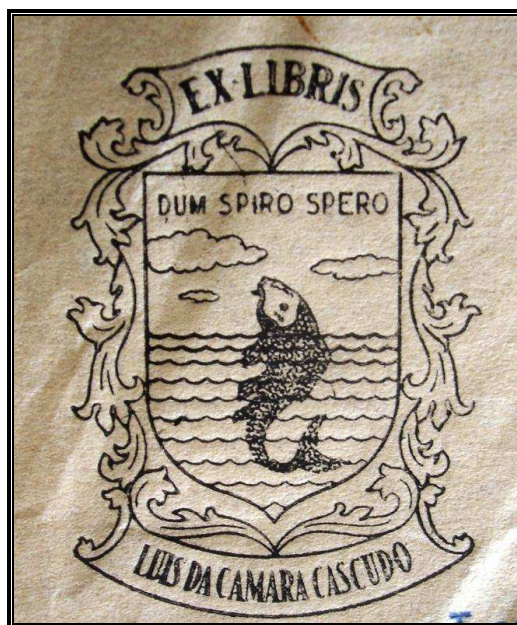


Imagem 3 Timbre do *Ex-libris* Cascudiano –
1958.

Evidentemente, analisar este tipo de documentação implica necessidade de maior conhecimento sobre o objeto de estudo para poder estabelecer uma ação hermenêutica sobre os timbres e símbolos gráficos. Porém, ao mesmo tempo, considerar a materialidade epistolar como uma forma de *escrita de si* nos permite ampliar os significados das correspondências como fontes historiográficas e fazê-las falar ainda mais sobre as temporalidades e os sujeitos que as produziram, reforçando as imagens de si presentes no documento. No caso do sujeito em foco, como exímio escritor epistolar, cujas correspondências diárias funcionavam como instrumentos de pesquisa, Câmara Cascudo utilizava missivas cuidadosamente elaboradas: passando da escolha do papel ao conteúdo. Dentro da vasta rede intelectual que fazia parte, a princípio, ele se definia como historiador, folclorista, etnógrafo ou integralista a partir da escolha do papel timbrado em que escrevia e da padronização de sua correspondência. Para

ele, antes do texto estava o papel que (de)marcaria seu lugar de sujeito e, conseqüentemente, seu lugar de fala.

* Esta comunicação faz parte da pesquisa de doutoramento intitulada *Antes da noite: história, memória e escrita de si por Luís da Câmara Cascudo (Natal, 1918-1987)*, contando com o financiamento da CAPES.

¹ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos, 5). p. 149.

² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

³ GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 17-19.

⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

⁵ Sobre a figura do *provinciano incurável* ver SALES NETO, Francisco Firmino. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. 180p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Hélio Vianna]. Natal, 17 jul. 1969. Carta. Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

⁷ Id., Responder cartas. *A República*, Natal, 07 jul. 1943.

⁸ Id., [Correspondência enviada a Ribeiro Couto]. Natal, 10 abr. 1934. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁹ Sobre o integralismo e a participação de Cascudo neste movimento ver TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. *Silenciando peças e criando lacunas: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945)*. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Renato Almeida]. Natal, fev. 1948. Carta. Acervo Biblioteca Amadeu Amaral do Museu do Folclore, Rio de Janeiro.

¹¹ Sylvio Piza Pedroza esteve à frente da Prefeitura Municipal do Natal entre 13 de fevereiro de 1946 e 25 de fevereiro de 1950. Mais tarde, entre 16 de julho de 1951 e 31 de janeiro de 1956, Sylvio Pedroza foi governador do Estado do Rio Grande do Norte.

¹² CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Sylvio Piza Pedroza]. Natal, 10 set. 1954. Carta. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza da Fundação José Augusto, Natal - Rio Grande do Norte.

¹³ Id., *História da cidade do Natal*. 1. ed. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1947.

¹⁴ Id., [Correspondência enviada a Sylvio Piza Pedroza]. Natal, 09 nov. 1958. Carta. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza da Fundação José Augusto, Natal - Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

_____. **O enigma de Os sertões**. Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1998.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 abr. 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 1. ed. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1947.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos, 5).

FRAIZ, Priscila. **A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 abr. 2007.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 167-182.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

_____. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

RIBEIRO, Renato Janine. **Memórias de si, ou...** Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 abr. 2007.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria**. 180p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.